



# Jornais

Jornal Estado de São Paulo  
**Na Bahia a capoeira tem seu rei**  
São Paulo, 16 novembro 1969

Luiz Roberto Souza Queiroz

## Cego só dos olhos, Pastilha tem fé

Faz 2 anos que Pastinha não enxerga. Sobre o mal, fala também. De minha vista, só posso dizer que: "abaixo de Deus, os homens de boa vontade". Se tivesse um homem, um médico que acreditasse na sua profissão de verdade, me operava, salvava uma vista que fosse, a esquerda que é melhor, mas eu não tenho recurso: o nome do mundo de hoje é dinheiro. Sim, já procurei doutor, mas num tempo em que mudam coração, eles olham dizem que não tem jeito, me mandam embora.

Mas eu tenho fé, amanhã talvez venha alcançar minha visão, que dê para eu assinar meu nome, pegar o pão nosso de cada dia, sem que outros ponham-no na minha boca. Pode ser que eu morra sem enxergar, mas terei fé. Quem acredita em Deus acredita em si. Veja que tive um ataque dos nervos, a perna parou mas confiei e hoje ando.

Pastinha se levanta lentamente, é guiado por um filho para o meio do salão e joga sozinho a capoeira para mostrar que a perna está boa. Seus 55 quilos giram pelo meio da sala, os pés procuram um adversário que não existe.

### Mêdo do congresso

Agora, houve um "Simpósio" de Capoeira no Rio, promovido pela Federação Carioca de Pugilismo. Pastinha foi convidado, mas não quis ir. Teria que gra-

var a voz para o Museu da Imagem e do Som, não gostou. Achou que os capoeiristas novos não iriam querer diálogo, não desejariam reunificar a capoeira, continuaria a divisão em "Angola", "Regional", "Estilizada" e muitas outras. Com a cegueira, acreditou que ficaria por baixo.

### O jogo

Pastinha pára de conversar. O charuto está apagado. Um aluno o leva de novo até o lugar do atabaque, que ele abraça com as pernas. As mãos vão batendo o ritmo, devagar. Na sua festa, agachados, suados, dois alunos se benzem depois de tocar o chão. Ouvem a música em silêncio e depois as pernas sobem, a cabeça defendida entre os braços, único apoio, os corpos se atacam lentamente, depois mais rápido. Um capoeirista salta, planta bananeira, o outro cai na negativa, os berimbaus tocam mais rápido, o jogo é violento.

O toque do atabaque é de violência, do jogo mais rápido possível. O coro canta "uai / uai / quando ele bate / quero vê cai" — Pastinha bate forte no atabaque, os olhos procuram ver e não conseguem. Só os pés, encostados no chão, sentem a vibração das tábuas, que indicam que há corpos lutando, caindo, saltando, que mostram ao grande mestre que na noite do Pelourinho a capoeira não terminou ainda.

É noite em Salvador; nas velhas ladeiras do Pelourinho o povo já foi dormir, mas há ainda o som. Os berimbaus tocam num sobrado, o pandeiro também,

um velhinho baixo bate o atabaque dando o ritmo. Luz, só a lamparina de querosene delineando as sombras que jogam rápido a capoeira, que com seus golpes faz vibrar o chão de tábuas largas. Para o velho, só há essa vibração, o som. Pastinha, „mestre de capoeira Angola, da cordialidade baiana, ser de alta civilização, homem do povo com tôda sua picardia“, como o chamou Jorge Amado, está tocando o atabaque, que não enxerga.

